

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

**SABERES E CULTURA EM DANÇAS E RITMOS BRASILEIROS**

**Carmen Maria Aguiar<sup>11</sup>**

cmaguiar@uol.com.br

**Monique Marques de Faria<sup>12</sup>**

moniks.mf@gmail.com

**RESUMO**

No atual contexto sócio cultural do país, ocorre uma homogeneização cultural, o Projeto de Danças e Ritmos Brasileiros surge como alternativa a esse sistema, tendo suas atividades iniciadas em 1998 com a manifestação do Bumba - Meu- Boi. A partir daí expandiu seus horizontes para outras expressões como o Cacuriá, Samba de Roda, Jongo, Coco, Caroço, Batuque de Umbigada, Ciranda, o Tambor de Crioula, Maracatu, entre outras.

Uma manifestação cultural consegue atribuir união para coisas que tem formas diferentes, históricos diferentes, criações diferentes. Esta capacidade da arte, a capacidade de unir transcendendo valores da cultura atual empolga e fascina. É exatamente nesse sentido que esse trabalho de pesquisa surge.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Educação. Saberes. Diversidade cultural. Manifestações culturais.

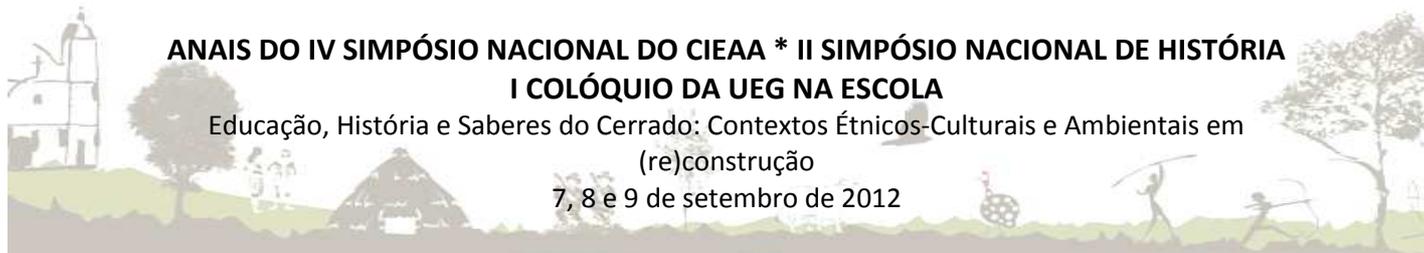
**OBJETIVOS:**

Estudar e proporcionar o contato com diversas manifestações culturais. Valorização e a difusão do saber tradicional dentro do meio acadêmico, o fortalecimento e o reconhecimento da identidade cultural brasileira, assim como sua rica diversidade no território.

---

<sup>11</sup> Livre-Docente, IB/UNESP/RC.

<sup>12</sup> Mestranda, IB/UNESP/RC.



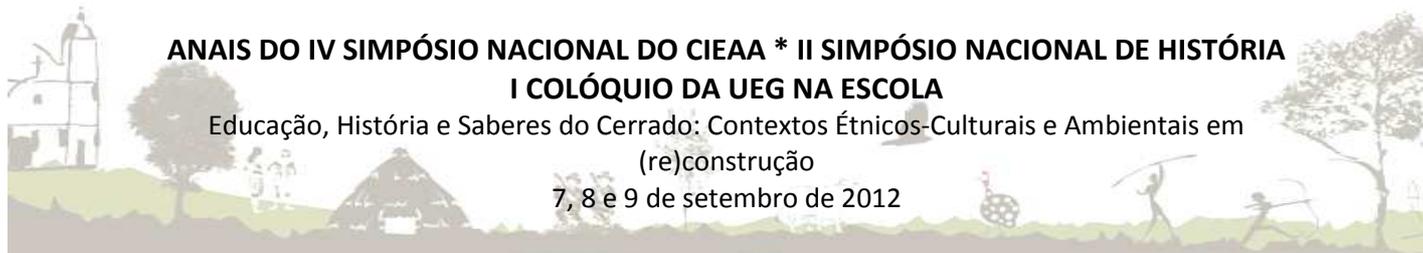
**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

## **INTRODUÇÃO**

O propósito deste trabalho é promover reflexões a respeito de possibilidades variadas de trocas enriquecedoras entre saberes considerados freqüentemente, de modo equivocado, como conflitantes, podendo-se destacar, como ambientes de referência, a universidade e a comunidade, a pesquisa e a prática, a cultura e a educação, os recursos naturais e os modelos de consumo. Mais especificamente, abordam-se aqui relações, experiências e vivências associadas a conhecimentos sobre tradições culturais, representadas por intermédio de danças, músicas, instrumentos, ritmos e rodas de conversas, destacando seus propósitos educativos na comunidade, nas instituições escolares e na universidade. A semente dessa abordagem provém do Projeto de Extensão “Danças e Ritmos Brasileiros”, da UNESP de Rio Claro/SP, que envolve o estudo da cultura brasileira, tomando como ponto de partida privilegiado o estudo de manifestações populares, particularmente de danças e ritmos brasileiros. As atividades e pesquisas do projeto, voltadas a ritmos de diferentes regiões, por intermédio de músicas e instrumentos típicos, contemplam a diversidade étnica e cultural brasileira, e são enriquecidas por reflexões sobre o modo como o ser humano lida com o mundo e seus recursos, ampliando-se assim o aprendizado sobre a sustentabilidade de todas as ações. Adotam-se também o estudo e a prática de danças típicas de regiões brasileiras, explorando-se e aprofundando-se paralelamente os conhecimentos referentes ao contexto sociocultural em que elas ocorrem. Pesquisas são desenvolvidas, com a participação de alunos da graduação e da pós-graduação, a respeito de questões (como, entre outras, o papel ou a função das trocas sociais) que articulam cultura, educação e natureza (presentes, por exemplo, em manifestações culturais e em atividades de caráter lúdico) e que envolvem os saberes da população. Nas pesquisas de campo adotam-se a observação e a pesquisa participantes, coletando-se junto à comunidade informações sobre suas manifestações culturais – festas, músicas, danças, ritmos, tradição, saberes, etc. – buscando-se também identificar seus mecanismos de sociabilidade. Nesse processo – assim como, adicionalmente, transpondo-se os muros da universidade, por meio da realização de oficinas, apresentações e vivências em espaços públicos e/ou educacionais da região – a universidade vivencia o privilégio de um



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

contato direto com as pessoas da comunidade e de aprender e ensinar numa mão dupla para uma troca efetiva de conhecimentos. Através dessa convivência, que altera rotinas de dois mundos (o acadêmico e o social) e os aproxima, cria-se um canal de comunicação que possibilita à universidade garantir o atributo básico da Educação de conhecer e considerar a cultura de seus educandos e, ao mesmo tempo, demonstrar para a comunidade que o conhecimento é abertura para tantas e variadas possibilidades.

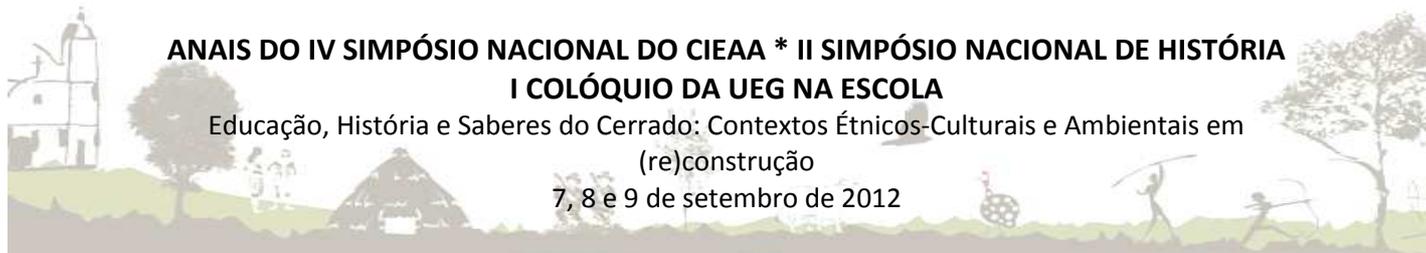
### **ATIVIDADES**

O Grupo de Danças e Ritmos Brasileiros – projeto de Extensão institucionalizado pela PROEX – desenvolve oficinas, com o intuito de possibilitar o conhecimento e a compreensão de aspectos importantes da diversidade cultural no contexto em que ela ocorre, o espaço é aberto à participação de qualquer interessado. Dentre os objetivos das atividades realizadas pelo grupo, estão em alcançar uma melhor compreensão da realidade sociocultural; exercitar o espírito de solidariedade, do trabalho coletivo e de cidadania; e promover a sociabilização através de práticas lúdico-corporais que desenvolvem o equilíbrio do homem com o meio social e com a natureza.

Em todo território brasileiro inúmeras manifestações culturais foram empregadas pelos negros como forma de resistência. A capoeira, o candomblé, as irmandades religiosas, danças como o Lundu, as embaixadas dos reis Congos, o Tambu, o Samba de Lenço, o Samba, o Jongo, são entre tantos outros exemplos dessas organizações. Com a ajuda destas a herança africana se transforma pouco a pouco em elementos culturais afro-brasileiros.

“Potes servem para guardar água, mas flores no pote servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez, de quem bebe a água e de quem, vendo as flores, lembra de onde veio. E quem é. Por isso há potes com flores, Folias de Santos Reis e flores bordadas em saias de camponesas.”  
(Brandão, 1995)

O conceito de Patrimônio Cultural muito se ampliou nacional e internacionalmente. No Brasil em 1937 é realizada a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN, inicialmente buscava-se um trabalho voltado para o patrimônio



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

natural, etnográfico, arqueológico, histórico e artístico, contudo são tantas as expressões da cultura e maneiras de representar povos, civilizações, etnias, sociedades que somente o testemunho arquitetônico não conseguia abranger temas da diversidade e da complexidade locais existentes em nosso país. Assim, a partir da década de 70 muitos movimentos vem buscando desenvolver políticas que reconheçam e preservem as muitas outras expressões e testemunhos patrimoniais, não apenas referentes à história oficial e sim as manifestações patrimoniais da sabedoria tradicional dos povos, envolvendo temas como música, dança, comida, oralidade, entre tantas outras.

Em contextos globalizados, buscam-se, então, as singularidades de grupos e indivíduos reveladoras do sentimento de pertença a um lugar, a um segmento étnico, a uma associação, a uma manifestação religiosa; na produção de um bem artesanal; a um detentor de uma receita de comida; ao realizador de uma coreografia, canto, teatro, entre outras linguagens artísticas (SABINO, J. e LODY, R., 2011, p. 174).

Neste contexto as danças têm sido reconhecidas como manifestações patrimoniais, no cumprimento de políticas públicas no âmbito do Patrimônio Imaterial, sendo registradas com o mesmo valor e significado do tombamento do patrimônio material. Atualmente são registrados como patrimônio nacional o Samba de Roda (Bahia), o Tambor de Crioula (Maranhão), o Jongo (Sudeste), o Samba carioca, a capoeira, entre outros, todos esses integram elementos de matriz africana. Este Registro reconhece a importância dessas formas de manifestação como valores que devem ser preservados, salvaguardados, atestando a importância dos povos africanos na identidade do povo brasileiro.

Uma manifestação cultural consegue atribuir união para coisas que tem formas diferentes, históricos diferentes, criações diferentes. Esta capacidade da arte, a capacidade de unir transcendendo valores da cultura atual empolga e fascina.

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

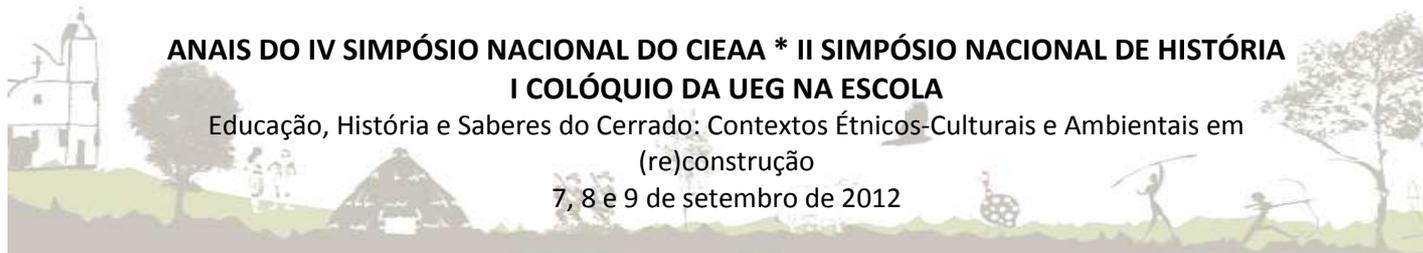
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012



As manifestações culturais congregam cultura e educação, em geral, conjugam crenças e brincadeiras, reúnem adultos e crianças, e utilizam a troca de saberes como veículo de sociabilidade entre os participantes, através de um processo social dinâmico, no qual diferentes elementos socioculturais servem como meio para o ensino e o aprendizado de tradições culturais (AGUIAR, 2011, p. 4).

Segundo Sabino e Lody, 2011, p. 178, além da dança de matriz africana ser uma forma de construir uma educação artística apoiada na cultura corporal do movimento, promovendo criatividade, comunicação e expressão, ela também “concorre para uma formação consistente do indivíduo e para a preservação das memórias de matriz africana”. Cada grupo possui sua técnica corporal, suas características são transmitidas através da



educação, da imitação, da convivência, da tradição, sendo necessária a preservação de espaços para que elas ocorram.

A importância de uma experiência que não necessariamente está ligada à educação formal e aos espaços desta, vem cada vez mais tomando força nos estudos da área de educação. A sociedade brasileira que recebeu muitas influências da cultura africana em seu território é marcada pela diversidade cultural em campos variados da vida religiosa, social, cultural, entre outras. O que implica numa convivência clara com a presença do diverso.

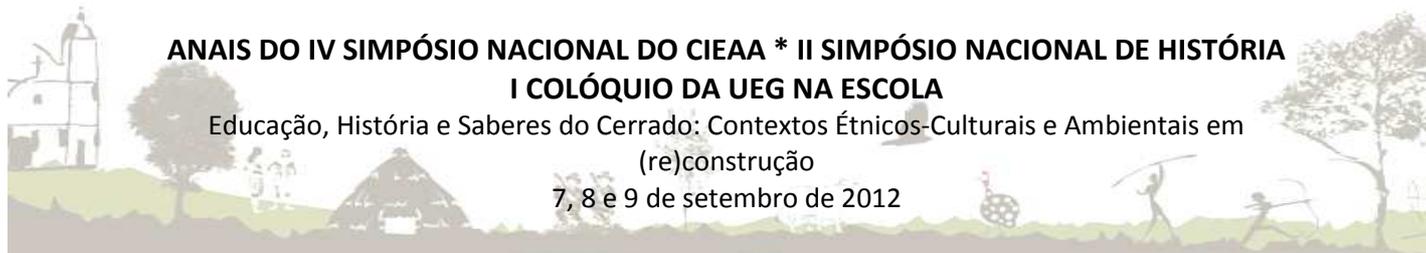
Na medida em que a Ação Cultural para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora da realidade através do qual as massas populares são desafiadas a exercer uma reflexão crítica sobre sua própria forma de estarem sendo, as classes dominantes, obviamente, não podem aceitá-la.

É que, sobretudo, uma tal forma de práxis ajuda as massas populares a superar o nível da mera sensibilidade de sua situação de classe pelo de consciência de classe, fundamental à transformação revolucionária da sociedade. (FREIRE, 2004, p. 121).

Quando se trata de educação e cultura popular um ponto merece reflexão, desde 2003 com a Lei nº 10.639/03 criada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) instituiu-se a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio do país. Com ela um campo de possibilidades se abre junto a contextualização e elaboração de atividades interdisciplinares e extra-curriculares. Isso significa repensarmos nossas práticas pedagógicas na sala de aula, repensarmos nossa história, a fim de a conhecermos a partir das populações africanas buscando valorizar a história de seus ancestrais, que muito auxiliaram na construção da sociedade e cultura brasileira.

### **Danças e Ritmos – Um pouco do Maracatu e do Coco**

A mais dois anos o grupo vem desenvolvendo atividades com o Maracatu de Baque Virado, manifestação cultural da música folclórica pernambucana afro-brasileira. Neste



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

período o grupo se dedicou em conhecer, estudar e vivenciar esta manifestação em seus vários aspectos. O Coco acompanha os estudos e atividades do grupo a muitos anos e seu toque, dança e estudos acompanham constantemente o grupo em suas diversas práticas dentro e fora da universidade.

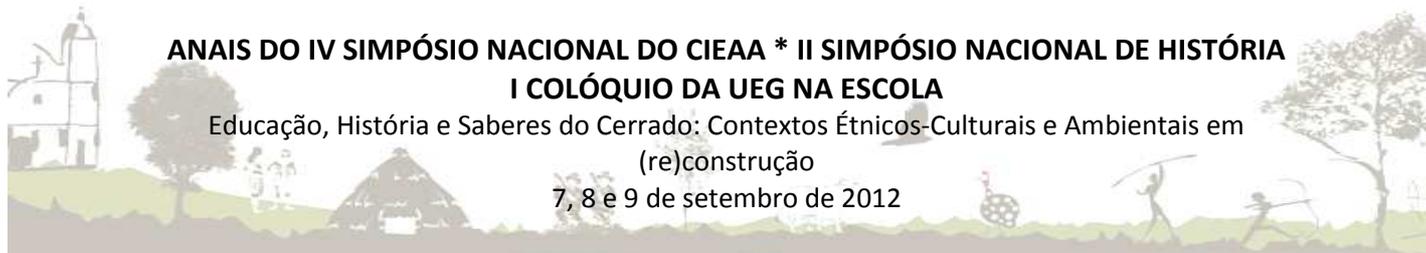
A sociedade brasileira recebeu muitas influências da cultura negra. Em seu território pode-se notar esta diversidade cultural em campos variados da vida religiosa, social, cultural, entre outras. O que implica numa convivência clara com a presença do diverso. O tráfico e o sistema escravista produziram efeitos destrutivos nos costumes africanos, porém a memória coletiva negra conseguiu encarnar-se no solo brasileiro.

O conhecimento presente nos mestres e na oralidade recebe destaque quando se trata da cultura afro-brasileira, as histórias e os cantos são formas desenvolvidas para manter e passar o conhecimento de vida em especial dos negros que não tinham acesso a educação formal, poucos sabiam ler e escrever ou possuíam acesso a tal meio de registro. Outro ponto de destaque é a não preservação de documentos ou mesmo registros de parte da história do Brasil, quando se trata do ponto de vista do escravo, do trabalhador e ou dos excluídos socialmente. Sendo assim as letras de músicas tornam-se fontes riquíssimas do cotidiano, desejos ou mesmo do ponto de vista popular da história de nosso país.

Como exemplo da importância da oralidade na preservação da cultura brasileira segue abaixo duas músicas do Maracatu. A primeira chamasse “13 de maio” e pertence ao CD “Baque das Ondas” da “Nação Porto Rico”, nação pernambucana fundada em 7 de setembro de 1916, situado desde 1980 no bairro do Pina, sob o comando da Rainha Elda Viana, possivelmente a única Rainha viva coroada na igreja Rosário dos Pretos, essa nação tem Shacon como Mestre dos batuqueiros.

**13 de Maio**

Oh! Eu sei, minha origem é Nagô,  
É Nagô, é Nagô, é Nagô, é Nagô, é!  
Oh! Eu sei, minha origem é Nagô,  
Sei de onde vim, mas onde vou, senhor?



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Onde estão nossas origens,  
Que a história não registrou?  
Onde estão nossos heróis da história,  
E com passado de glória, com destemor?

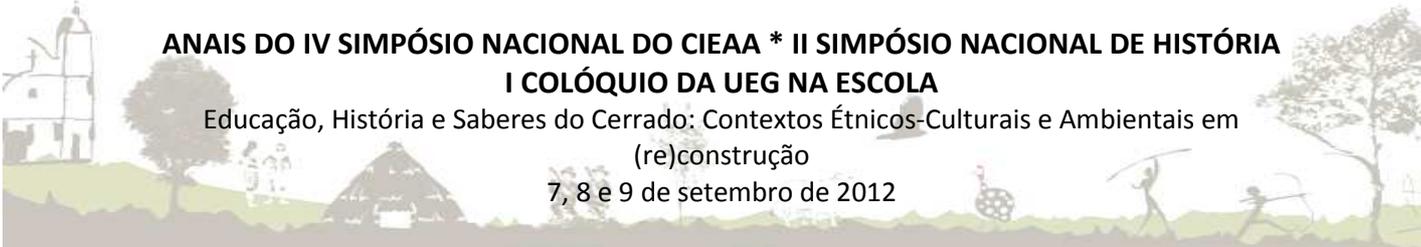
Entre os grandes heróis, mostramos,  
Que o líder maior, Zumbi.  
Nunca foi o bicho mau da história,  
Que muitas vezes na escola,  
Com medo ouvi.

Viva treze de Maio,  
“negro livre no Brasil”.  
Mas ao bem da verdade,  
Foi um “primeiro de abril”.

A segunda pertence ao CD 180 anos – Estrela Brilhante de Igarassú, da nação Estrela Brilhante de Igarassú. Nação pernambucana fundada em 1824 sendo o Maracatu mais antigo do Brasil em atividade, teve como matriarca a Rainha Mariu, nascida em 1898 e falecida em outubro de 2003 aos quase 105 anos de idade. Atualmente tem como Mestre dos batuqueiros Gilmar de Santana Batista, neto de Dona Mariu, mantendo com dignidade o baque diferente de todos os outros maracatus.

**Eu sou de Pernambuco**

Nossos negros vieram da África, pra formar só uma nação  
Junto com reis e rainhas, na lavoura fora a sensação  
Eu sou de Pernambuco, sou rainha Mariú



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

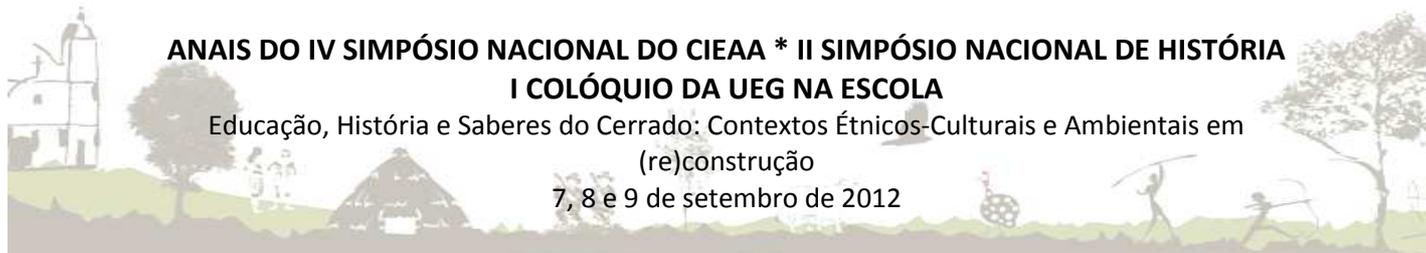
Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Eu vim da África, pra morar em Igarassu  
O coração bate forte, bate forte de emoção  
Ao ver a cultura negra de geração a geração  
Igarassú tem riqueza, tem riqueza de montão  
Tem praia de mangue seco e coroa do avião  
Do sítio dos marcos Pernambuco começou  
As grandes caravelas os portugueses desembarcou  
Graças a uma lei a escravidão acabou  
Foi princesa Izabel, que essa lei ela criou  
Muitos anos se passaram e nada mudou  
Ao ver crianças sofrendo nesse Brasil de tanto amor  
Eu sou de Pernambuco, sou rainha Mariú  
Eu vim da África, pra morar em Igarassu

Ao ter contato com tais cantos é possível conhecer um pouco da história que não está presente nos livros. Se pensarmos que as crianças e jovens ouviam e participavam dessa manifestação e a partir dela criavam uma referência de classe e origem, percebemos o quanto foi importante tal mecanismo de preservação, mesmo que obrigatoriamente adaptado as exigências católicas e sociais da época é possível reconhecer muito da religiosidade e cultura afro. Tal importância não se modifica atualmente, registros orais acabam por ser uma das poucas fontes de acesso a esse conhecimento e uma importante forma de reconhecimento histórico a todos nós brasileiros. Nas palavras de Brandão, 1995, p. 10, “as pessoas parecem que estão se divertindo, mas elas fazem isso pra não esquecer quem são”, quando participamos de qualquer manifestação cultural temos essa sensação, nos conectamos uma pouco com quem somos e de onde viemos.

O Coco dança popular nordestina, soma influências da cultura afro e indígena, possivelmente teve sua origem na forma que conhecemos hoje na zona fronteira de Alagoas e Pernambuco, cordão de serras ocupadas no século XVII pelo Quilombo dos Palmares, desta região estendendo-se a todo o nordeste. Dizem que seu ritmo está relacionado à quebra do



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

coco de pindobas, para a retirada de sua amêndoa, enquanto trabalhavam cantavam e dançavam no ritmo do Coco. Muito dançado em comunidades rurais, há relatos que durante a construção de casas de pau-a-pique o dono convocava seus vizinhos, parentes e amigos para participarem da construção, cujo era necessário pisar e amassar barro, o sapateado era muito bem vindo, pisava-se firme a noite inteira motivados pelos cocos ou pagodes, revezando-se com as mulheres que entoavam canções de roda. A festa, oferecida pelo dono como forma de agradecimento, seguia noite adentro regada à cachaça, arroz-doce e buchada (pratos típicos da tradição rural). A frase quebra-coco ou vamos quebrar coco indicaria convite para a tarefa ou para o canto que se tornou dança.

As letras do Coco em sua grande maioria referem-se ao cotidiano local, às vezes fazem menção a pessoas presentes, podem se dá por composições improvisadas ou já conhecidas. O tirador de coco puxa os versos, respondidos em seguida pelo coro, muitas canções acompanham gerações e carregam consigo muitas histórias. Segue abaixo um Coco de autoria de Cícero Gomes, cantado pelo grupo Raízes de Arcoverde, fundado em 1994 por Lula Calixto, no Alto do Cruzeiro, em Arcoverde, Pernambuco, este grupo é conhecido por somar influências variadas ao Coco.

**A Vida Tava Tão Boa**

A vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar

Eu tava no juazeiro, no sertão do ceará

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)

**Refrão: Tava no crato, de crato para monteiro**

**De monteiro para o crato, e do crato pra juazeiro.**

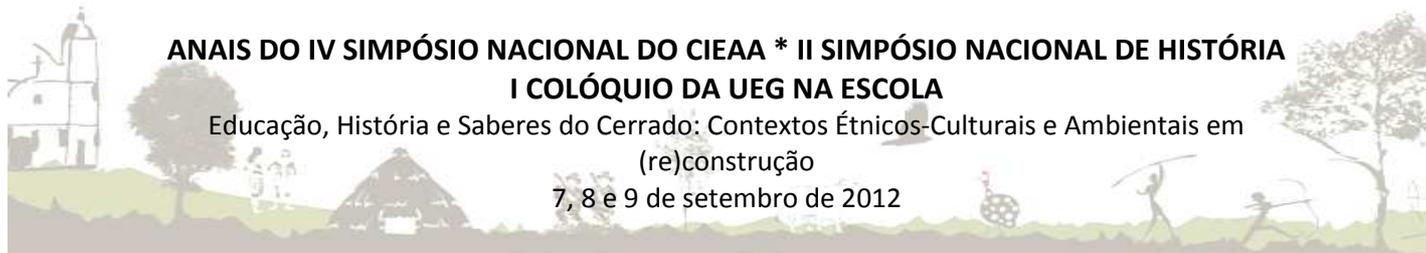
**Depois do crato eu voltei para monteiro.**

**De monteiro para o crato, e do crato pra juazeiro.**

**(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)**

Eu tinha só 13 anos, você pode acreditar

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

**Refrão 1x**

Quando minha mãe morreu, eu só pensava em chorar.

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)

**Refrão 1x**

Parti para o juazeiro pensando em trabalhar.

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)

Fiquei com a minha tia. na roça eu fui plantar.

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)

**Refrão 1x**

Esse coco é todo meu, você pode acreditar.

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)

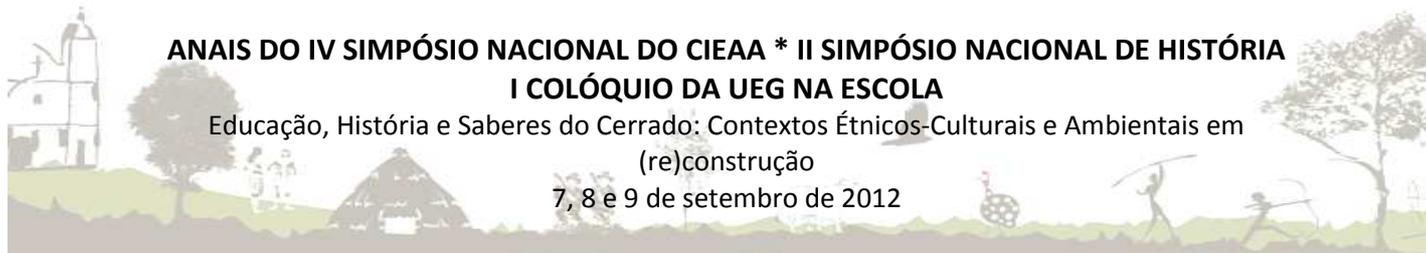
Canto coco e canto roda para a moçada brincar.

(a vida tava tão boa, pra quê mandou me chamar)

**Refrão 1x**

Com esse Coco e a citação abaixo concluímos essa breve reflexão sobre a cultura popular, na esperança de apresentar alguns pontos relevantes, a importância de espaços que possibilitem que essas manifestações aconteçam e apresentem direta e indiretamente nossa história e resistências.

“Ali onde tudo parece trocas simples entre pessoas e grupos, relações sociais por meio de objetos, ações, mensagens e símbolos, há relações de poder. Onde o olhar apressado vê contribuições inocentes da vida social, há



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA \* II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA  
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em  
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

conflitos, oposições e interesses, manipulações de classes sociais sobre outras, expropriações do poder popular sobre o uso dos seus símbolos, apropriações do “folclórico” pelo de “massa”, formas populares de resistência” (BRANDÃO, 1995, p.89)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUIAR, C.M. *Educação e Saberes Correlação com a Natureza e a Cultura*. 1. Ed. Rio de Janeiro – RJ: Guanabara Koogan. 2010. v. 1. 217 p.

BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

*Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*.

FARIA, M. M. *Resistir e Fixar: a formação de negros territórios e suas manifestações na cidade de Rio Claro – SP*. Trabalho de conclusão de curso, UNESP/RC, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da tolerância*. - São Paulo, Ed. UNESP, 2004.

*Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana*.

SABINO, J. e LODY, R. *Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.